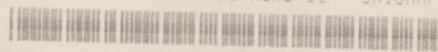


CAMPINAS terá, de novo, seu salão de arte contemporânea. São Paulo, São Paulo, 15 maio 1977.

O Estado de

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029616

# Campinas terá, de novo, seu salão de arte contemporânea

O Salão de Arte Contemporânea de Campinas, que concedeu os maiores prêmios do país — em dinheiro — à arte contemporânea na década de 60, será retomado este ano durante a realização do Festival de Campinas — no período de 8 de outubro a 9 de dezembro — sob a denominação de “Campinas — Arte Contemporânea 77”, com a preocupação dos promotores no sentido de fazer da mostra efetivamente um dos maiores acontecimentos do ramo no Brasil.

Realizado desde 1965, o salão reuniu em 11 anos consecutivos, através de prêmios de aquisição, obras de inúmeros artistas brasileiros, como Carlos Fajardo, Barrio, Carlos Eduardo Zimmermann, Carlos Vergara, Luís Gregório Correa, Luiz Alphonsus Guimarães, Marilena de Oliveira Costa Pini, Mauro Kleiman, Mário Bueno, Maria Leontina, João Câmara Filho, Amílcar de Castro, Antônio Henrique Amaral, que passaram a compor o acervo do Museu de Arte Contemporânea, fundado em 1966.

Desde 1970, no entanto, o empreendimento perdeu a força inicial: sucessivos cortes de verba diminuíram o interesse dos artistas que participavam e, embora as restrições financeiras não tenham quebrado a sequência da atividade anual, artistas plásticos reconhecem que houve “resfriamento na efervescência artística da década de 60”. Nos últimos dias, formou-se nova expectativa em torno do salão deste ano, anunciado pelo secretário municipal da Cultura, José Roberto Magalhães Teixeira e pelo diretor do Departamento de Assuntos Culturais, José Luiz Paes Nunes, integrando o Festival de Campinas, que abrangerá as áreas de Arquitetura, Artes Vi-

suais, Balé, Cinema, Cultura Popular, Literatura, Música e Teatro.

### SEDE PRÓPRIA

Apesar da importância que as próprias autoridades locais sempre reconheceram no salão, o Museu de Arte Contemporânea não tinha sede própria e suas mostras permaneceram durante vários anos num prédio distante do centro, no bairro Swift, nas instalações da secretaria municipal de Educação e Cultura. Mais tarde, com a separação dos dois setores, o acervo foi transferido para o prédio novo da Prefeitura, no centro da cidade, junto à Secretaria de Cultura, no terceiro andar.

Na administração passada, porém, o campineiro Roque Melilo assinou em Nova Iorque um termo de doação, destinando à Prefeitura Municipal cerca de quatro milhões de cruzeiros de sua fortuna, “para obras artístico-culturais, pouco antes de sua morte”. Os recursos vieram ao encontro das necessidades do município e o ex-prefeito Lauro Péricles Gonçalves mandou construir imediatamente o prédio que hoje abriga o Museu e a Biblioteca Municipal, denominado “Roque Melilo”. A sede, luxuosa e funcional, erguida ao lado da Prefeitura, foi inaugurada no dia 1º de outubro do ano passado, pelo presidente Ernesto Geisel.

Constando de um enorme salão para exposições, dependências administrativas, e incluindo entre seus equipamentos seis projetores de “slides” que podem ser acionados pelos visitantes interessados nas artes plásticas, o Museu, entretanto, tem se limitado às exposições do acervo.

José Luiz Paes Nunes explica essa relativa desativação dizendo que “a falta de recursos da Prefeitura tem

impedido grandes promoções”. Atualmente, as exposições do MAC são feitas no Centro de Convivência Cultural, que atrai naturalmente um público maior, devido à multiplicidade de atrações artístico-culturais que concentra. O Museu de Arte Contemporânea, por sua vez, possui registro de 140 pessoas em média, diariamente, número inferior às expectativas iniciais, uma vez que o empreendimento tem como meta criar novos hábitos na população.

A preocupação dos novos dirigentes da Cultura com o salão transparece na própria programação deste ano, mediante sua inclusão no Festival de Campinas. Para José Luiz Paes Nunes, isso possibilita maior afluência de público, ficando mais fácil atingir o objetivo de projetar a nível nacional a “Arte Contemporânea 77” — o 11º Salão de Campinas.

Na realidade, a exposição de Alfredo Volpi, aberta oficialmente no dia da inauguração do MAC, a 1º de outubro de 76, substituiu o 11º salão. Para este ano, foram convidados os críticos Frederico Moraes, Roberto Pontual e Olivio Tavares Araújo para organizarem o empreendimento.

Estão abertas na Secretaria de Cultura, à avenida Anchieta, nº 200, as inscrições para o concurso do cartaz de propaganda do salão, sendo que ao primeiro colocado será atribuída a importância de cinco mil cruzeiros. No cartaz, devem constar os seguintes dizeres: Campinas/Arte Contemporânea/77 — outubro/novembro; Centro de Convivência Cultural; Departamento de Assuntos Culturais; Secretaria de Cultura; Prefeitura Municipal de Campinas, devendo ser confeccionado em apenas duas cores além do branco.